

Questões interculturais entre o português do Brasil e o espanhol latinoamericano

Rosa Marina de Brito Meyer
PUC-Rio

Resumo

As questões interculturais representam um parâmetro da maior relevância na análise das fronteiras comunicacionais entre o português do Brasil e o espanhol latinoamericano, contribuindo de forma ainda mais eficaz do que os fenômenos tradicionalmente conhecidos como “linguísticos”, ou seja, da língua como sistema de elementos e regras, para o esclarecimento de eventuais desentendimentos entre os povos falantes dessas línguas.

Palavras-Chave: Português como Segunda Língua; Português para Hispanofalantes; Interculturalismo

O ensino-aprendizagem do Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E)¹ compreende uma série de vertentes, todas elas igualmente ainda carentes de investigação. Nesse contexto, graças à fronteira geográfica do Brasil com países de língua espanhola e ao surgimento do Mercosul, uma das linhas que vêm merecendo mais atenção é o ensino de português para falantes de espanhol.

Quando se fala em ensino de português para hispanofalantes, tende-se a procurar identificar e classificar semelhanças e diferenças gramaticais – gramática entendida aqui em seu sentido mais amplo – entre as duas línguas. Envereda-se então por um caminho que leva, quase que inevitavelmente, à comparação entre os respectivos quadros de vogais, à descrição das diferentes regências e à listagem dos falsos amigos, entre outros tipos de análises que podem ser desenvolvidas nesta linha comparativa.

Reconhecendo a relevância deste tipo de análise, o propósito deste trabalho é porém mais abrangente.

¹ Terminologia e sigla cunhadas pela autora, utilizadas para descrever o objeto das pesquisas desenvolvidas no Percurso de Formação “Português para Estrangeiros: descrição e ensino” do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Na era da tecnologia da informação, em que o contato entre falantes de diferentes línguas, ou seja, de diferentes culturas se faz de forma muito mais frequente e intensa do que em outros momentos da história do homem, torna-se imperioso que se encontrem instrumentos facilitadores destas interações. E esses instrumentos não se resumem aos meios físicos, tão exaltados e divulgados. A TV universal e interativa; a internet, com as salas de conversa, os sistemas de mensagens em tempo real e o *skype*; as videoconferências; os celulares 3G, etc etc etc, nenhum desses veículos será eficiente se os interlocutores, cada um por seu lado, não souberem como utilizá-los eficazmente.

Cito trecho do texto *The communication process: it is not possible not to communicate*, retirado do livro *Perception and identity in intercultural communication: a perceptual approach* de Marshall Singer²:

Se eu quero que alguém compreenda a minha mensagem, eu simplesmente preciso traduzi-la para uma **linguagem cultural** que a outra pessoa compreenda e aceite. Independentemente da mensagem que se quer enviar, se nós quisermos que ela seja recebida favoravelmente, é melhor que nós conheçamos os valores culturais das pessoas com as quais nós queremos nos comunicar e a forma de codificar a mensagem em termos que elas possam compreender. E isso significa chegar a realmente conhecê-los. (Singer 1998, p.142)

Aplicando-se esta constatação ao campo do ensino de segundas línguas, percebe-se então, com clareza, que é preciso mais do que ensinar o código, a forma, a estrutura de uma língua. Gramática sim, mas não só: contexto é fundamental. E trabalhar a língua em contexto significa colocar as formas em uso, trabalhar com situações de comunicação.

Aparentemente, teríamos chegado ao ponto ideal, solução para permitir boa comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas (L1), em situações em que ao menos um deles estivesse usando uma segunda língua (L2). Mas colocar as formas em situações de comunicação ainda não dá conta da complexidade que envolve a interação entre falantes de L1 e L2 ou mesmo de L2 e L2. É necessário ir mais além do visível, do

² Tradução da autora.

concreto, do verbal e considerar os padrões culturais que determinam o comportamento social de cada povo, ou de cada grupo de falantes de determinada língua.

Estou aqui propondo, então, que o ensino de línguas estrangeiras não deve ficar restrito ao âmbito da Linguística, da Língua Aplicada ou da Pedagogia. Devem-se alçar voos mais altos, e inseri-lo num contexto muito mais amplo, muito mais complexo do que os controlados limites da descrição lingüística ou da comunicação interpessoal: o mundo das relações entre os povos, do cruzamento de culturas. O interculturalismo.

O interculturalismo constitui-se hoje em uma área acadêmica jovem e inovadora. Já bastante explorada em continentes e países onde a diversidade étnica, social e/ou cultural exigiu o seu desenvolvimento, assenta-se em parâmetros de análise e metodologia próprios. Cito Lantolf 1999:

Enquanto a pesquisa de segunda língua como código preocupou-se com a internalização da gramática dessas línguas e com questões tais como os efeitos de uma gramática universal (GU) e proficiência máxima, o trabalho sobre o aprendizado e o ensino de cultura, no aprendiz, de tolerância e compreensão de outras culturas de tal forma que o estudo de outras culturas chegue ao nível de propiciar autoconsciência cultural. (Lantolf, J.P. 1999, p. 28)³

Podemos então utilizar alguns desses parâmetros em uma proposta de análise intercultural do português do Brasil e do espanhol latinoamericano. Ou seja, vamos procurar identificar traços da cultura brasileira, subjacentes às interações de falantes de português L1, que devem ser conhecidos pelos aprendizes de português L2, falantes de espanhol L1, de forma que possamos contribuir para o ensino-aprendizagem do PL2E.

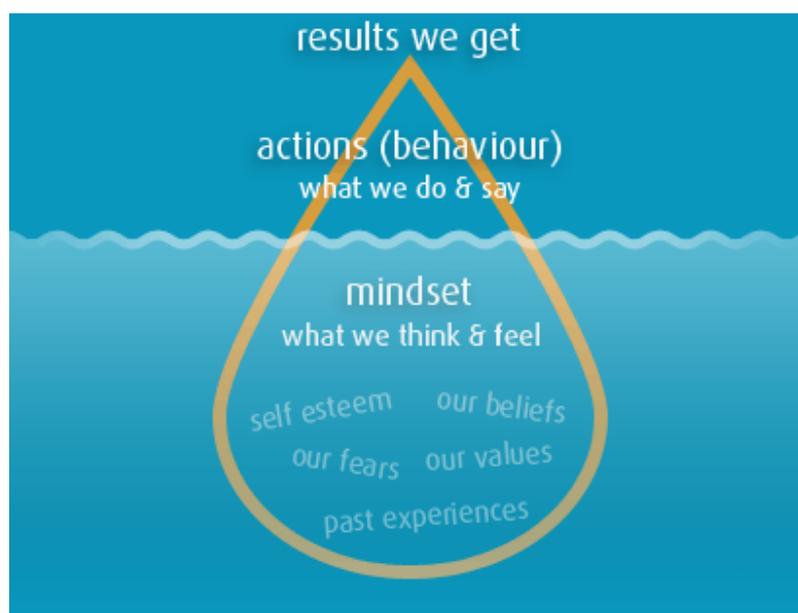
Antes de mais nada, preciso esclarecer que estarei tratando aqui não da cultura óbvia, visível, concreta; estarei tratando de cultura subjetiva. Como bem diferencia BENNETT (1998):

Enquanto a cultura objetiva consiste das manifestações visíveis de uma dada sociedade – arte, literatura, música, ciência, religião, política, língua -, ou seja, o que se pode chamar de produtos concretos de uma sociedade, a cultura subjetiva pode ser encontrada nas suas manifestações

³ Idem.

invisíveis – valores, moralidade, crenças, comportamento, uso da linguagem, ou seja, os conteúdos abstratos dessa sociedade. (Bennett, Milton J. 1998)⁴

A relação entre cultura objetiva e cultura subjetiva é comumente metaforizada na figura de um iceberg, como em http://www.mindset.ws/images/misc_elements/iceberg-diagram.gif:



É exatamente na sutileza da cultura subjetiva que se esconde o perigo do etnocentrismo. E, no âmbito do interculturalismo, etnocentrismo se combate com inteligência cultural. É essa a proposta de Peterson (2004:13)⁵:

“Conhecimento sobre culturas (fatos e traços culturais)
 + Consciência (de si mesmo e dos outros)
 + Habilidades específicas (comportamentos)
 = **Inteligência Cultural**”

O que parece, mas não é fácil de se atingir. Senão, vejamos.

Para qualquer falante de uma língua, mesmo não linguista, é razoavelmente fácil identificar e “perdoar” – com todas as aspás possíveis – erros formais, ou gramaticais, dos falantes dessa língua como L2. Vamos ver alguns exemplos de falantes do espanhol usando o português como L2.

⁴ Idem.

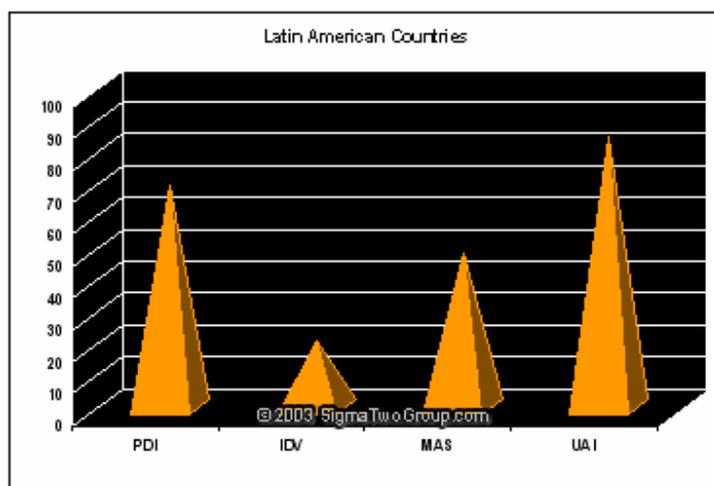
⁵ Idem.

Assim como a dependência do contexto, outros parâmetros podem ser utilizados para caracterizar os padrões culturais das línguas: as relações temporais (pontualidade, uso útil do tempo, importância do passado ou do futuro, etc); espaciais (a bolha individual, o toque, as referências dêiticas, etc); hierárquicas (culturas *top-down* vs *bottom-up*, peso social da hierarquia, relações de poder, etc); de proximidade vs distanciamento; de gênero (papéis sociais da mulher e do homem, matriarcado vs patriarcado, etc); a relação com o concreto e com o abstrato; o valor dado ao material e ao imaterial; a permissão (ou não) de demonstrar emoções; entre inúmeros outros padrões possíveis.

Hofstede (2001) procura caracterizar as culturas de diferentes países a partir da cultura das respectivas organizações empresariais. Para isso, utiliza cinco parâmetros:

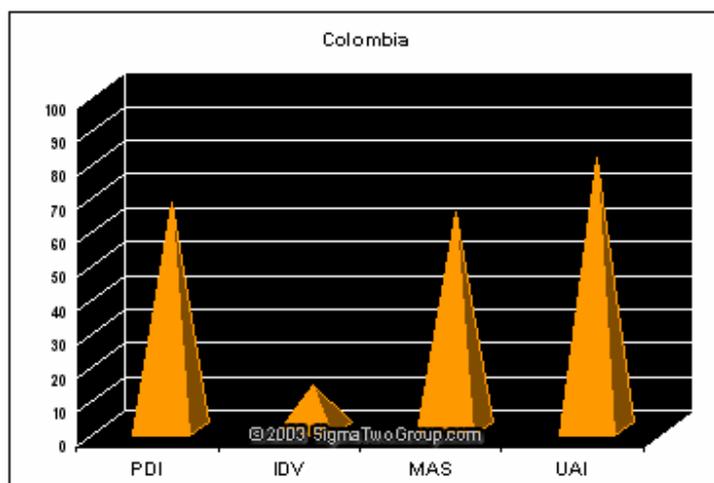
- 1- Índice de Distanciamento do Poder (*Power Distance Index*, PDI);
- 2- Individualismo (*Individualism*, IDV);
- 3- Masculinidade (*Masculinity*, MAS);
- 4- Índice de Evitação de incerteza (*Uncertainty Avoidance Index*, UAI);
- 5- Orientação de longo prazo (*Long-term Orientation*, LTO).

Uma breve comparação do Brasil com países hispânicos demonstra que, apesar de estarmos organizados em eixos semelhantes, há diferenças. Começamos pelo gráfico comum aos países latinoamericanos como um todo⁶:

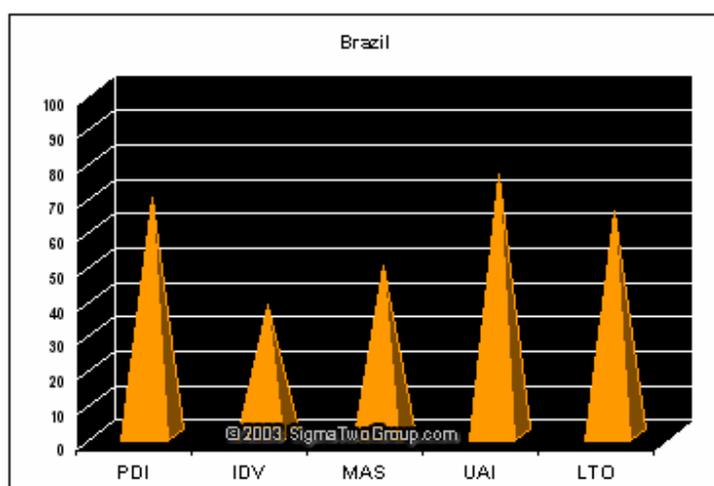


Registre-se a semelhança deste gráfico com o da Colômbia, por exemplo:

⁶ Gráficos retirados de http://www.geert-hofstede.com/hofstede_dimensions.php



Agora compare-se este gráfico com o do Brasil:



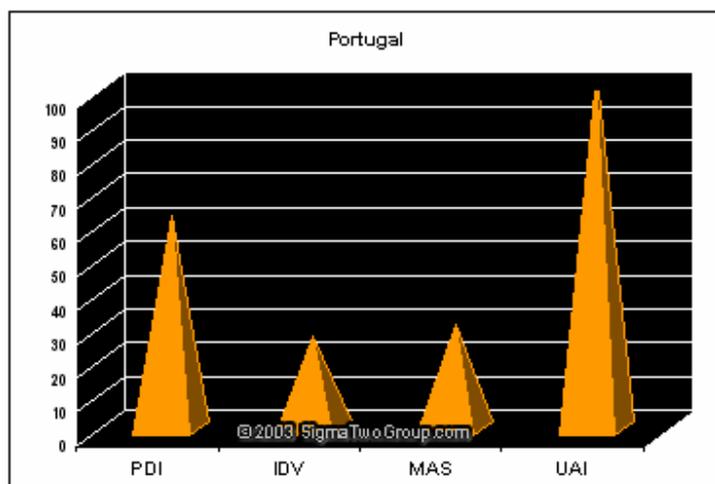
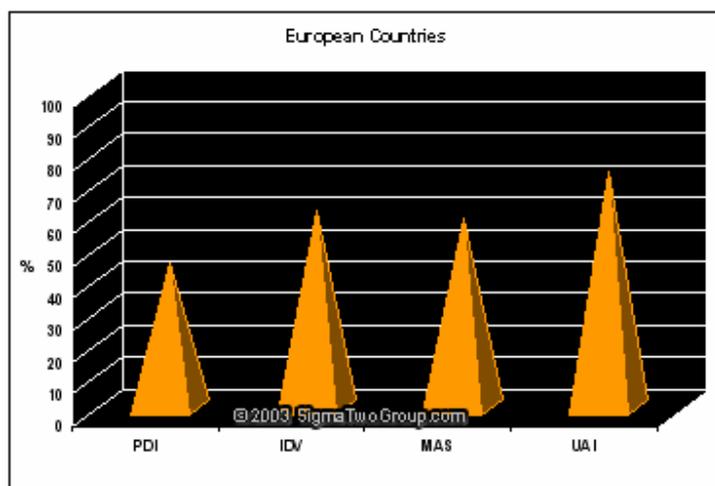
Algumas diferenças saltam aos olhos.

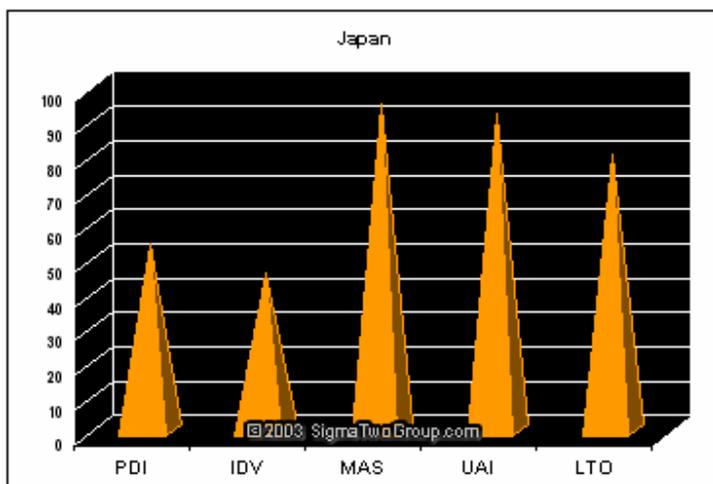
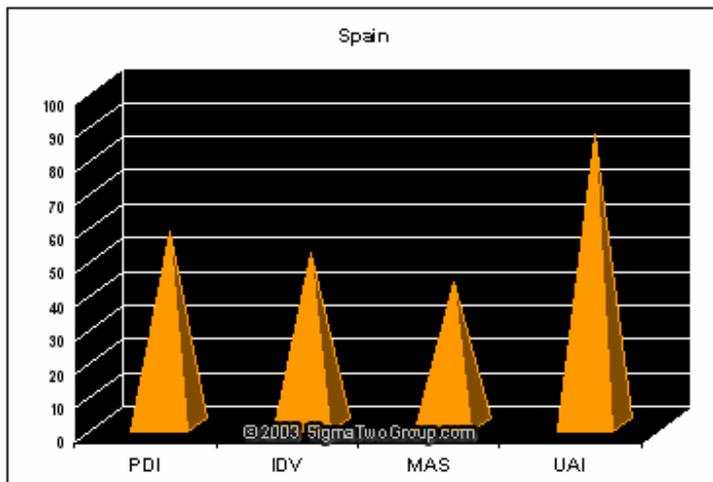
A mais perceptível é a forte presença, no Brasil, do índice LTO, Orientação de Longo Prazo, ausente nos países hispânicos. Em conferência proferida em Trondheim, Noruega, em setembro de 2007, à qual assistimos, Hofstede afirmou, com destaque, que este seria o principal fator a diferenciar o Brasil dos demais países latinoamericanos. Propôs que este índice pode ser usado inclusive como uma comprovação da mudança de eixo de referência identitária do Brasil, que teria se deslocado do passado, de origem ibérica, para o futuro, de inspiração (norte-)americana.

É relevante também observar o nível IDV, Individualismo, acentuadamente mais alto no Brasil do que no padrão latinoamericano, o que parece corroborar a afirmação acima; da mesma forma, o fato de o índice MAS, Masculinidade, ser bem menos forte entre

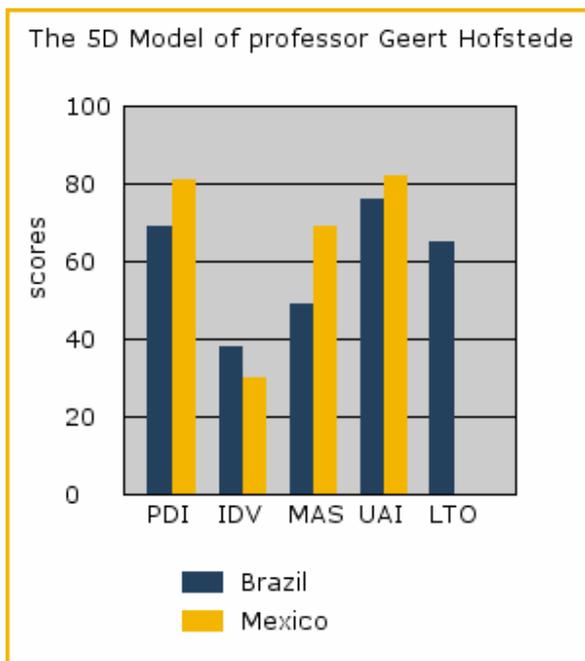
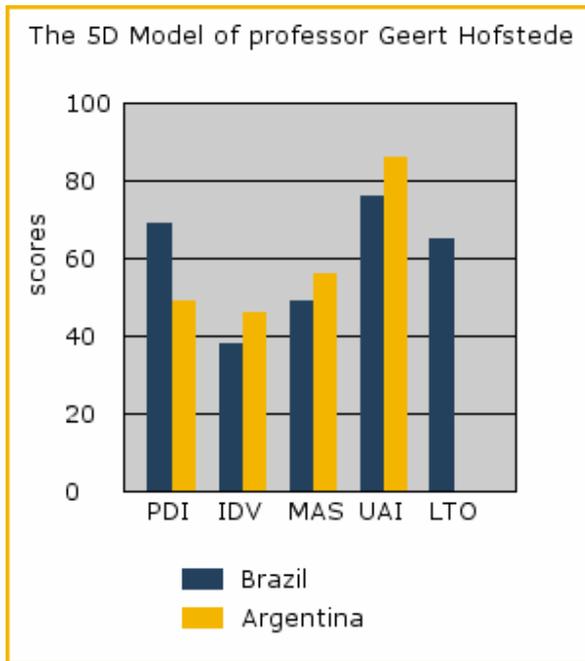
os brasileiros nos aproxima de padrões sociais mais característicos de países do hemisfério norte do que aqueles dos nossos vizinhos. Por fim, cabe enfatizar um índice em que nós, como os nossos irmãos latinoamericanos, nos apoiamos fortemente - o UAI, índice de Evitação de Incerteza: nós, como eles, não convivemos bem com a falta de segurança.

Apenas para termo de comparação, apresento a seguir o gráfico padrão dos países europeus, os de Portugal e Espanha e, para termos um exemplo fora do eixo latino-ocidental, o gráfico do Japão:





O mesmo site de Hofstede permite que façamos comparações entre países. Apenas como ilustração, seguem as comparações entre o Brasil e o México:



Um importante componente da análise intercultural é, sem dúvida, o padrão comunicativo de cada língua. A pesquisa baseada na Teoria dos Atos de Fala já nos deu a todos a consciência da força da indiretividade no português do Brasil, fator que o diferencia inclusive do português de Portugal.

Lewis (1999), em seu *Cross-Cultural Communication: A Visual Approach*, diferencia padrões comunicativos em situações interacionais determinadas a partir de esquemas visuais.

doi: 10.17771/PUCRio.PDPe.12652

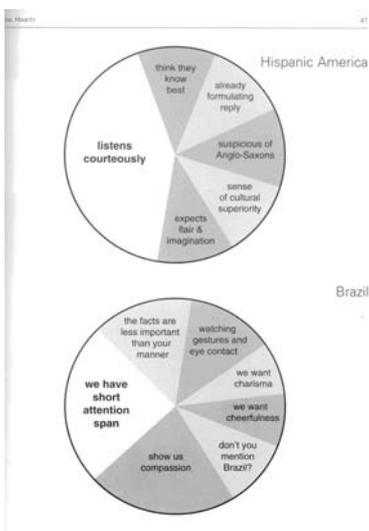


Figura 1

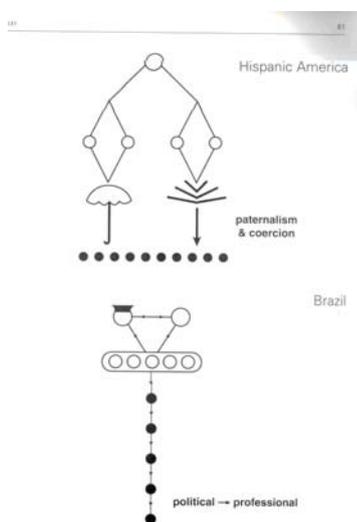


Figura 2

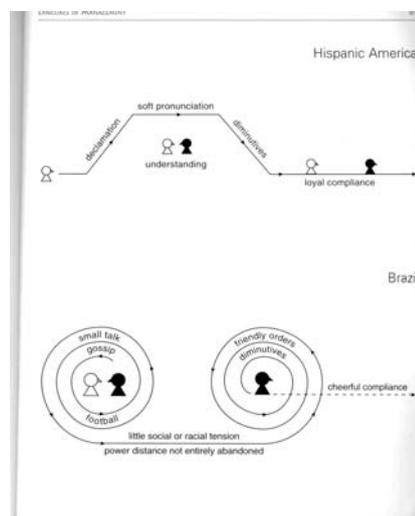


Figura 3

Na Figura 1, Lewis compara os hábitos de ouvir dos dois grupos sociais. Os hispânicos são apresentados como pouco colaborativos, apesar da postura cortês em ouvir; mas esta postura é neutralizada por uma atitude ativa, de uma certa suspeita e rejeição em relação ao que vem de fora; já os brasileiros são apresentados como os mais abertos, dentre os latino-americanos, às influências externas; esse interesse porém precisa ser estimulado por uma atitude assertiva e por constantes referências ao Brasil.

Na Figura 2, Lewis compara os estilos de liderança. Segundo o autor, na América hispânica o poder é marcadamente centralizado(r), exercido de forma disfarçada através de atitudes paternalistas ou de forma mais evidente através de coerção. Já o Brasil se apresenta como um país de hierarquia mais evidente, não mitigada, exercida por poucos detentores do poder que, no entanto, apoiam-se diretamente em uma classe de profissionais qualificados que, por sua vez, passam a determinar os procedimentos de forma vertical.

Na Figura 3, Lewis tipifica os estilos de gerenciamento. Ressaltando que os estilos podem ser muito diferentes nos diversos países hispânicos da América Latina, chama a atenção para uma certa suavidade na elocução nesses países (diferenciando-a da espanhola, mas ríspida), porém marcada por retórica e empostação. No Brasil, afirma também haver mais suavidade no trato do que no padrão português, enfatizando a capacidade verbal do brasileiro em, através de uma atitude alegre e extrovertida, atuar de forma persuasiva e envolvente, levando os interlocutores a um acordo bem aceito por ambas as partes.

Outra obra que merece a nossa atenção é Morrison et al (1994) *Kiss, Bow or Shake Hands*. Com o objetivo de auxiliar executivos a fazer negócios em 60 países, os autores apresentam, para cada um desses países, os seguintes itens: (i) Contexto do país: história, tipo de governo, língua, religião, demografia; (ii) Orientação cultural: estilos cognitivos, estratégias de negociação, e sistema de valores; (iii) Práticas de negócios: compromissos, negociação, entretenimento de negócios; e (iv) Protocolo: cumprimentos, formas de tratamento, gestos, vestimenta e presentes.

Nela, para retirar apenas algumas observações sobre o Brasil que merecem ser apresentadas aos nossos aprendizes de português falantes de espanhol, podemos mencionar a “Nota cultural” de abertura do capítulo:

Os brasileiros não se consideram hispânicos... “ (IBIDEM: 35). Outra observação interessante é a de que “cumprimentos podem ser efusivos, com longos apertos de mão já no primeiro encontro, progredindo para abraços uma vez que surgiu uma amizade. Mulheres com frequência se beijam em bochechas alternadas:... (Morrison et al: 38)

Com todas as reservas que possamos ter em relação a estas abordagens, todas feitas por anglófonos que nos observaram e descreveram com um olhar “estrangeiros”, precisamos reconhecer que há muito o que se aproveitar em nosso próprio benefício.

Podemos ver que parece haver, na cultura brasileira, uma licença maior para o contato físico, para a demonstração de emoção, para a informalidade do que entre os nossos vizinhos hispânicos. O que precisa ser mostrado a eles.

Bousada (2008), na dissertação de mestrado em que comparou os rituais de abertura e fechamento de conversa telefônica entre brasileiros e falantes de espanhol aprendizes de PL2E, constatou que os rituais são muito mais formais e recheados de léxico de polidez entre os segundos do que entre os primeiros. A conversa em português demonstrou-se mais rápida, ágil, informal, levando os hispânicos muitas vezes a considerar os brasileiros apressados, bruscos, indelicados. E os brasileiros, por sua vez, acham os falantes de espanhol, quando falando português, enrolados, como quem fica esticando a conversa indefinidamente, com medo de se despedir.

Percebe-se, então, que aprender uma língua estrangeira é muito mais do que aprender a gramática dessa língua, ou que simplesmente aprender a usar frases dessa língua em situações de comunicação. Aprender qualquer língua estrangeira, logo, aprender português é adquirir competência em língua portuguesa, é aprender a comportar-se em ambientes da língua portuguesa, é tornar-se um falante de língua portuguesa eficiente nas mais diversas situações reais de uso dessa língua. É tornar-se competente em cultura brasileira.

É por todos esses motivos que estou defendendo aqui a utilização do interculturalismo como uma base teórico-metodológica que tem grande contribuição a dar para a área dos estudos de segundas línguas e, mais particularmente, para o português como segunda língua para hispanofalantes.

Trabalho apresentado no *III Simpósio Sobre Ensino de Português para Falantes de Espanhol*, UNICAMP 21- 23/07/ 2008, como parte da sessão de comunicações coordenadas *Português para hispanofalantes: contribuições da descrição linguística*.

REFERÊNCIAS

Bennett, M. J. (1993). Intercultural communication: A current perspective. In M. J. Bennett. (ed.). *Basic concepts of intercultural communication*. Yarmouth, USA: Intercultural Press.

Bousada, V. C. da S. (2008). *Aspectos sócio-interacionais de cumprimentos, despedidas e manutenção de conversação em falantes de espanhol aprendizes de português L2*. Dissertação de mestrado inédita, PUC-Rio. Orientação: Meyer, R. M. de B.

Hofstede, G. (2001) *Cultures & consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations*. 2nd ed. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage.

_____. http://www.geert-hofstede.com/hofstede_dimensions.php (colhido em 16/07/2008).

_____. http://www.mindset.ws/images/misc_elements/iceberg-diagram.gif (colhido em 17/07/2008).

Lantolf, J.P. (1999). Second culture acquisition: cognitive considerations In E. Hinkel (ed.) *Culture in second language teaching and learning*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Lewis, R. D. (1999). *Cross-cultural communication: A visual approach*. Riversdown, UK: Transcreen Publications.

Morrison et al (1994). *Kiss, Bow or Shake Hands*. EUA: Bob Adams.

Peterson, B. (2004). *Cultural intelligence: A guide to working with people from other cultures*. Yarmouth, USA, London, UK: Intercultural Press.

Singer, M. R. (1998). The communication process: It is not possible not to communicate. In M. R. Singer. *Perception and identity in intercultural communication: A perceptual approach*. Yarmouth, EUA: Intercultural Press.

A AUTORA

Rosa Marina de Brito Meyer Rosa Marina de Brito Meyer é Pós-Doutora em Estudos Interculturais Aplicados ao Ensino/Aprendizagem de Segundas Línguas pela University of Alberta, Canadá, 2001. Doutora em Lingüística Aplicada ao Português pela PUC-Rio, 1991. Professora Associada, coordenadora e pesquisadora responsável pela área de

Português para Estrangeiros, Departamento de Letras, PUC-Rio, em que atua desde 1970. Coordenadora Central de Cooperação Internacional da PUC-Rio desde 1996. Presidente da Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira, 1998-2001.